

JORNAL: Jornal do Comércio LOCAL: Quomabara

DATA: 30/04/1967 AUTOR: Mário Barata

TÍTULO: Intensidade da Arte

ASSUNTO: Isam e a nova objetividade

INTENSIDADE DA ARTE

Mário Barata

Este jornal — o mais antigo, sem interrupção, do Brasil — acompanhando o interesse crescente pelas artes plásticas, no País e no mundo, amplia a partir de hoje o espaço destinado às mesmas, no Suplemento Dominical. Coincidindo com esse propósito, as atividades deste mês vieram demonstrar como o campo das artes plásticas e de expansão do visual através de intermédios (no caso, expressão de outras artes através de utilização de meios óticos) merece nossa atenção, pela intensidade de que se reveste. Foram artistas que planejaram e organizaram Nova Objetividade no Museu de Arte Moderna, cujo evidente sucesso tem atraído grande público à instituição do atêrro. Também jovens pintores — estudantes da Escola de Belas Artes — levaram a termo a segunda das mostras do ciclo de estudos da arte brasileira (figurativos 1950-67) e iniciaram a terceira retrospectiva (abstratos geométricos) em sala da rua Araújo Porto Alegre, tôdas com amplo êxito na apresentação e nos debates culturais.

Enquanto isso jovens expunham em diversas galerias e veteranos eram selecionados pelo "Jornal do Brasil", para a mostra "Resumo", que não teve o valor das equivalentes de 1965 e 1966, seja devido a júri, seja ao próprio nível das individuais do ano passado. Saía entretantes o quarto número da revista "GAM", firmando-se cada vez mais no plano da crítica e da ensaística especializada, e, de São Paulo chegavam-nos o segundo do "Mirante das Artes", informativo e vivo, no plano da cultura histórico-artística e da atualidade e o oitavo do jornal ARTES, de amplitude e modernidade estéticas, merecedoras de louvor. No Rio, fixava-se o 4º Caderno do "Correio da Manhã", em excelente nível.

Na segunda mesa-redonda de artistas e críticos no Museu de Arte Moderna, coordenada por Antônio Houaiss, distribuía-se o manifesto de vanguarda dito "Declaração de Princípios Básicos de Vanguarda", que vem sendo crescentemente debatido e interpretado, em reuniões e conferências, afirmando-se como um documento de importância na caracterização dos moldes e da ação da arte atual de renovação, em termos mais largos e abrangedores do que a própria exposição do grupo, no momento, o que é natural. A formulação teórica da vanguarda pode abarcar áreas e pontos genéricos, que não se totalizem num só exemplo episódico e concreto; participante da dialética criadora do presente.

Da pluralidade dos episódios, se obtém — dialéticamente e não pela simples adição — o todo. E a diversificação é evidentemente uma exigência de riqueza cultural, da

multiplicidade de planos existenciais, se bem que a concentração possa ser também indício de poder e afirmação.

Ainda neste abril, por coincidência, Ceres Franco envia-nos de Paris, dois catálogos (sendo um, do *l'oeil de boeuf* na Holanda, em forma de cartaz), indicativos da tendência à figuração-narrativa (estudada sobretudo por Gassiot-Talabot), que ao lado do "nouveau-realisme" (o qual deve páginas elucidativas à crítica de Pierre Restany) marcam duas presenças conjugadas da vanguarda artística, diferentes da corrente central manifestada em "Nova Objetividade", no nosso Museu Moderno. Um pouco delas veio de França e se representou em "Opinião 65 e 66", por iniciativa de Ceres, com o apoio de Jean Boghici.

Desta vez os grupos mais ativos e criadores do Rio optaram por mostra de caráter nacional, em parte por preferirem a experiência das construções tridimensionais ou do "objeto" às outras "demarches" vanguardistas do nosso tempo, que estão marcando tão bem a contribuição europeia de Voss, Fahlstron, Simonetti, Lourdes Castro, Bertholo, Foldés e tantos outros.

O catálogo do grupo ORA, constituído justamente por Foldés, Gattis, Hiraga, Macreau e Naccaché, é relativo a exposição realizada até início deste mês na simpática Galeria Jacqueline Ranson, em Paris, com apresentação de Gassiot-Talabot. A narração — diz-nos — "pode suscitar soluções extremamente variadas e exprimir-se em registros plásticos muito diferentes, mas implica a priori noção de escritura e de grafismo", como ocorre nas posições pictóricas daqueles artistas, alguns dos quais expuseram no Rio.

Essa efervescência das artes plásticas e a multiplicação dos seus centros diretores, no setor básico que é o da pintura — como conformação para percepções visuais, independentemente dos conceitos ou limites tradicionalmente atribuídos a essa arte fundamental, já hoje ampliados e modificados — conduziu Antônio Carlos Fontoura a fazer um filme, *Ver e Ouvir*, apresentando (e nisso, obviamente, interpretando criticamente) a arte de R. Magalhães, Antônio Dias e Rubens Gershman, fixando de maneira extraordinária a imagística desses artistas. A fotografia é de D. Zingg e a montagem de Mário Carneiro. A capacidade mística da nova pintura surge nesse filme num flagrante bastante forte, que justifica a importância que se vem dando a esses artistas brasileiros e à solução que escolheram, como ponto de partida pessoal, (e também de grupo, pelas interligações que os reuniram, até agora).

A aparição de novos como Carlos Zilio, Sami Mattar, Raimundo Colares, a recente Maria do C. Secco, Raudenschild, Lanari, Tarcisio a continuidade ou desdobramento dos trabalhos de Lygia Clark, Hélio Oiticica, Gastão Henrique e Ivan Serpa, a contribuição de Cordeiro, Nitsche e outros paulistas, estão entre os valores que justificam o esforço conjunto da mostra "Nova Objetividade", no Museu de Arte Moderna.

De maneira não paralela, a arte de Galvão Miranda, com suas colagens e composições por superposição, ainda em início, numa temática visando a apresentação da mulher em profundidade, como vivência relacional e biológica, sintetizava a figuração de outro tipo, apresentada na Escola de Belas Artes (sala e galeria Macunaíma), indo as obras exibidas, dos primórdios poéticos de Vieira da Silva e Arpad (cêrca de 1945) à força cromática de Raimundo de Oliveira e à efusividade lírica de Brenand, ou, noutra corrente, de realismo social, partida, na exposição, um pouco de Leskoschek de 1947 e das pesquisas de Renina Katz de 1951-52 — paralelas a de raros pintores do Rio e de São Paulo, da época. Incluía ainda o expressionismo popular de Newton Cavalcanti ou sapiente de Grassman, entre outros, e o pictórico, talvez ainda não definido, infundido de significativa melancolia numa predominância de amarelos e ôcres, da figuração mais recente, de José Maria, Júlio Vieira, Aloísio Zaluar e vários artistas. A essa mostra sucedeu-se, no local, a visão de pesquisa geométrica, concretista, neo-concreta, que realizou "demarche" perceptiva e construtiva útil à cultura brasileira, independentemente do sectarismo de que se revestiu em certos momentos.

Esta última retrospectiva se acha aberta ao público, paralelamente à mostra de "Vanguarda atual" do Museu de Arte Moderna do Rio.

São esses conjuntos de manifestações públicas e o trabalho, mais silencioso, em elaboração nos ateliês, que exigem um *approach* técnico, de categoria estética, que tentaremos realizar nas próximas semanas, nesta página do "Jornal do Comércio", ao lado da necessária difusão de iniciativas e documentário ou de pensamento de artistas, museus, galerias, escolas, capaz de informar e atrair o público. Nada se estabelece de sólido, no terreno das artes, sem a ampla participação de novos interessados. A cultura é hoje um fenômeno de massa e, mais do que nunca, enfaticamente, de comunicação. E só se obtém recursos para a sua sobrevivência e ampliação através da compreensão e do apoio de grande número de pessoas. Uma andorinha, cem andorinhas mesmo, não fazem verão.